

## ANOTAÇÕES SOBRE A CLASSE MÉDIA NEGRA NO RIO DE JANEIRO \*

*Carlos A. Hasenbalg*  
(IUPERJ, Rio de Janeiro)

Na sociedade brasileira o critério raça desempenha um papel importante na distribuição das pessoas nos diferentes níveis da hierarquia social. Os resultados preliminares do Censo Demográfico de 1980 permitem constatar isso em relação a duas dimensões centrais do sistema de estratificação social: graus de instrução e participação na distribuição de renda. No que se refere ao grau de instrução da população de cinco anos ou mais de idade, a proporção de pessoas com menos de um ano de estudos ou sem instrução era de 25% entre os brancos, 47,7% entre os pretos e 48% entre os pardos. No extremo oposto da distribuição, a proporção de pessoas com nove ou mais anos de instrução era de 14% de brancos, 3% de pretos e 4,6% de pardos. No que diz respeito ao rendimento médio mensal das pessoas economicamente ativas de dez anos ou mais de idade, a proporção dos que recebiam até um salário-mínimo era de 24% entre os brancos, 47% entre os pretos e 44,7% entre os pardos. No outro lado do espectro da distribuição de renda, recebiam mais de cinco salários-mínimos 14,4% dos brancos, 2,4% dos pretos e 3,3% dos pardos.

---

(\*) — Trabalho Apresentado na Reunião do Grupo de Trabalho *Temas e Problemas da População Negra do Brasil*, Friburgo 20 a 22 de outubro de 1982 (VI Encontro Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação em Ciências Sociais).

A pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) de 1976 também permitiu constatar grandes desigualdades na participação dos grupos de cor dentro da estrutura ocupacional do país. Assim, por exemplo, a proporção de pessoas economicamente ativas que se encontravam em ocupações não manuais era de 23% entre os brancos, 4,7% entre os pretos e 9,9% entre os pardos. Inversamente, os grupos não brancos estavam desproporcionalmente concentrados nas ocupações manuais agrícolas, caracterizadas pelos mais baixos níveis de remuneração, com 44,4% dos pretos, 42,8% dos pardos e somente 30% dos brancos<sup>1</sup>.

Estes dados não só indicam a desigual distribuição dos grupos raciais no sistema de estratificação social como também o fato de que, apesar da posição ligeiramente mais vantajosa do grupo pardo sobre o grupo preto, a grande distância relativa é aquela existente entre a população branca e a população negra e de mestiços descendentes de negros e indígenas.

Na literatura sociológica sobre relações raciais no Brasil a estratificação racial da população é convencionalmente explicada em termos de causas históricas tais como as seqüelas da escravidão e a competição com o imigrante estrangeiro no período imediatamente posterior à abolição. Porém, estudos mais recentes, que focalizam os diferenciais de mobilidade social segundo a raça, demonstram que a posição sócio-econômica inferior do negro na estrutura social deve-se não somente a essas causas históricas, mas também à desigual estrutura de oportunidades sociais enfrentada pela população branca e negra na sociedade brasileira. Noutras palavras, o racismo e as práticas discriminatórias existentes no presente são causas fundamentais da reprodução das desigualdades raciais e do confinamento do negro e seus descendentes a posições sociais subordinadas<sup>2</sup>.

Os estudos e a informação empírica hoje disponíveis permitem configurar um quadro geral das desigualdades raciais e dos diferenciais raciais de mobilidade social. Não obstante isso, com a exceção de algumas indicações no livro de Florestan Fernandes *A Integração do Negro na Sociedade de Classes*, praticamente inexitem pesquisas sobre o processo de diferenciação social e estratificação interna da população negra no Brasil. O objetivo deste trabalho é contribuir com algumas indicações sobre esse processo, analisando aspectos da origem familiar e trajetória social e ocupacional dos estratos médios da população negra do Rio de Janeiro. Com essa finalidade, são analisados com algum detalhe os dados provenientes de 24 questionários aplicados a pessoas que se auto-identificaram como de cor preta e ocupavam posições ocupacionais não manuais dentro do total de entrevistas feitas na pesquisa sobre Mobilidade Ocupacional no Rio de Janeiro<sup>3</sup>.

O procedimento adotado, de examinar isoladamente um subconjunto de questionários, tem a vantagem de permitir visualizar as trajetórias de

vida do grupo em consideração e de que os casos estudados são representativos por se originarem de uma amostra probabilística. Em contrapartida, a não utilização de processamento em computador para realizar análises multivariadas implica em perder referências comparativas com relação ao grupo de entrevistados brancos. As informações consideradas relevantes para acompanhar a trajetória de cada pessoa do grupo estudado estão contidas no apêndice.

Considerando primeiro a coluna das ocupações atuais dos entrevistados, pode-se constatar que com exceção de seis deles (programador júnior, subgerente do hotel, professor de química de segundo grau, corretor de valores, projetista e desenhista sênior e advogada consultora do INPS), os outros entrevistados se encontram em posições não manuais de rotina, de baixa remuneração e características dos setores baixos da classe média assalariada. Por outro lado, 21 dos 24 entrevistados são empregados com carteira assinada. Isto evidencia indiretamente o fato de que nas posições sociais atingidas pelo grupo não interveio a pequena e média propriedade no comércio, indústria ou serviços (transmitida desde a geração anterior ou adquirida pelo próprio grupo) como mecanismo de ascensão social. Esta constatação é amplamente consistente com a informação dos censos demográficos e da PNAD de 1976, onde a população negra tem uma participação insignificante no grupo ocupacional dos proprietários e na posição ocupacional de empregadores. Assim, por exemplo, o censo demográfico de 1980 contabilizou 920.000 empregadores brancos, que representavam 3,7% da população economicamente ativa dessa cor, enquanto essas cifras eram de 14.104 ou 0,4% para os pretos e 186.000 ou 1,1% para os pardos. Por sua vez, a PNAD de 1976 indicava, no grupo ocupacional de profissionais de nível superior, empresários e administradores, a presença de 8,5% dos brancos economicamente ativos, 1,1% dos pretos e 2,7% dos pardos. Estas informações sugerem que, historicamente, as posições sociais ocupadas pela grande maioria da população negra têm sido amplamente desfavoráveis à transmissão de riqueza e propriedade.

Apesar da evidência existente sobre o fato de que a discriminação racial no mercado de trabalho aumenta junto com o nível de instrução das pessoas pretas e pardas, as considerações anteriores levam a pensar que a pequena parcela da população negra que ultrapassa a barreira manual/não manual o faz através da aquisição de educação formal. A comparação da distribuição educacional dos pais dos entrevistados e dos próprios entrevistados é indicativa da mobilidade educacional havida entre as duas gerações. Na geração dos pais, 7 não tinham frequentado a escola, em 3 casos se desconhecia a educação paterna, 12 tinham estudos primários e apenas 2, nível secundário. Já entre os entrevistados, 5 tinham instrução primária, 8 possuíam curso ginásial, 8 tinham nível colegial e 3 conta-

vam com curso universitário completo. Reforçando a idéia de que é através de investimentos educacionais que uma parte da população negra experimenta mobilidade social ascendente (ainda que limitada, em comparação com o grupo branco), deve ser notado que além da instrução escolar adquirida, 15 dos entrevistados fizeram esforços educacionais adicionais em cursos de formação profissional, destacando-se numericamente os cursos do SENAI e SENAC, normalmente de até um ano de duração, e os cursos de formação paramédica e enfermagem, com duração superior a um ano.

Apesar da informação registrada não ser muito precisa, a observação da distribuição ocupacional dos pais dos entrevistados permite fazer algumas anotações sobre a origem social e padrões de mobilidade social do grupo estudado. Nota-se que apenas três entrevistados — os filhos do desenhista do arsenal da marinha, do proprietário de estaleiro e do fiscal da prefeitura — são originários de famílias que já se encontravam em posições não manuais de classe média na geração anterior. Um segundo grupo de cinco entrevistados está constituído de filhos de trabalhadores autônomos com alguma qualificação e recursos econômicos ou de pessoas de *status* duvidoso entre a classe trabalhadora e os setores baixos da classe média. É o caso dos filhos de dois comerciantes por conta própria, do sapateiro por conta própria, do alfaiate e do funcionário público sem especificação de nível ou cargo. Dos restantes entrevistados, onze são filhos de trabalhadores em ocupações manuais urbanas, dois de trabalhadores rurais e, finalmente, 3 entrevistados não conhecem ou não moraram com os pais. Estes dados sugerem que a pequena classe média negra urbana origina-se fora da própria classe média, havendo um predomínio da camada de ocupações manuais urbanas. Da mesma forma, a contribuição do estrato de trabalhadores manuais na agricultura para a formação deste grupo parece ser negligenciável.

A informação sobre o primeiro emprego e o emprego anterior ao atual dos entrevistados é também indicativa da mobilidade de carreira do próprio grupo. No que se refere ao primeiro emprego dos 13 entrevistados homens, seis deles iniciaram sua vida de trabalho como operários industriais, dois em serviços domésticos, dois como *office boy*, um como vendedor ambulante e apenas 4 em ocupações não manuais. Das onze mulheres entrevistadas, quatro começaram a trabalhar como operárias industriais, uma como empregada doméstica e seis em empregos não manuais. No total do grupo, 14 começaram em empregos manuais, e dez em empregos não manuais, sendo que destes últimos seis começaram a trabalhar no mesmo emprego em que estão hoje. Com relação ao emprego anterior ao atual, ainda 8 entrevistados encontravam-se em ocupações manuais, outros 8 em empregos não manuais e os restantes não haviam passado por um emprego intermediário entre o primeiro emprego e o atual. Estas informações indicam que em mais da metade dos casos a transposição da barreira manual/não manual se dá na própria trajetória ocupacional

dos entrevistados. Além disso, o fato de alguns entrevistados ainda estarem frequentando a escola e o tipo de cursos profissionalizantes feitos por outros sugere que a superposição de trabalho com estudos depois da incorporação ao mercado de trabalho funciona como mecanismo de ascensão ocupacional em vários casos.

Outro aspecto da mobilidade de carreira está dado pela mobilidade do emprego atual, resultante da comparação entre a posição atual e o cargo inicial no emprego atual. Sabendo-se que muitas ocupações não manuais estão estruturadas ao longo de uma hierarquia burocrática suscetível de ser escalada, a comparação mencionada indica que o grupo em questão experimentou relativamente pouca mobilidade no atual emprego. Do total de 24 entrevistados, 14 ingressaram no mesmo cargo em que se encontram atualmente, sendo que nos outros 10 casos as promoções foram de curta distância entre as ocupações paramédicas e nas funções de rotina de escritório. Apenas poderiam ser mencionados como exemplos de promoções de maior significado os casos do contínuo que passa a auxiliar de tesouraria e da datilógrafa promovida a advogada consultora.

Outras informações de interesse registradas no questionário da pesquisa referem-se as avaliações subjetivas dos entrevistados com relação à remuneração obtida no trabalho, à identidade de classe e a presença de preconceito de cor no mercado de trabalho.

Os rendimentos obtidos pelos entrevistados apresentam uma dispersão grande, variando de Cr\$ 11.000,00, quantia ligeiramente inferior ao salário mínimo da época de aplicação dos questionários, até os Cr\$ 140.000,00 da única pessoa que recebia mais de 10 salários mínimos. Apenas 6 entrevistados ganhavam mais de Cr\$ 40.000,00, enquanto os restantes oscilavam entre 1 e 3 salários mínimos. Perguntamos sobre se os rendimentos recebidos correspondiam ao que mereciam ganhar, a menos ou muito menos do que o merecido, somente 6 entrevistados afirmaram receber o que mereciam, ao tempo que os 18 restantes afirmaram receber menos ou muito menos do que mereciam. Nesta avaliação negativa dos rendimentos é muito possível que a identidade racial dos entrevistados, de maneira indireta e através de uma inserção ocupacional relativamente baixa, leve a maior parte do grupo a julgar a remuneração no emprego como não condizente com a sua educação formal e capacitação profissional.

Com relação à identidade de classe, ao serem perguntados sobre a que grupo pertenciam, dentro de um conjunto de alternativas fechadas, somente 5 entrevistados identificaram-se com a classe média. Das pessoas restantes, 4 declararam pertencer ao grupo pobre; 12, ao grupo trabalhador e 3, ao grupo operário. Este padrão majoritário de identificação com classes ou grupos subordinados parece denotar uma inércia da identidade de

classe de origem e o fato da pequena distância social percorrida na transposição da linha manual/não manual não ter exigido uma redefinição da identidade social dos entrevistados.

Finalmente, ao serem perguntados sobre a existência de manifestações de preconceitos de cor na procura de empregos, uma ampla maioria de 17 entrevistados respondeu na afirmativa. A percepção bastante generalizada de mecanismos de discriminação racial no mercado de trabalho por parte deste grupo marca um contraste significativo com a tendência observada entre a população negra dos estratos sociais mais baixos no sentido de negar a existência do preconceito de cor. De fato, 8 dos entrevistados declararam em outra pergunta que eles próprios ou algum familiar já tinham estado expostos a manifestações de preconceito de cor<sup>4</sup>. Esta sensibilidade do grupo ao preconceito e a discriminação raciais possivelmente obedece ao fato do mesmo pertencer a um setor da população negra que está relativamente mais exposto a discriminação racial no mercado de trabalho, devido a ter procurado e ingressado no setor de ocupações não manuais. Adicionalmente, o nível de educação formal do grupo, relativamente mais elevado que o do resto da população negra, pode ser visto como um elemento que facilita a formulação de opiniões contrárias ao mito oficial da ausência de preconceito e discriminação raciais.

Recapitulando, os dados examinados sugerem que a pequena classe média baixa negra é de formação recente, sendo que em muitos casos o ingresso nas ocupações de nível não manual ocorre durante a própria trajetória ocupacional dos indivíduos. Este grupo, que emerge predominantemente do estrato de ocupações manuais urbanas, mantém uma identidade com a classe de origem e não somente está exposto a discriminação racial como também tem uma percepção bastante desenvolvida das barreiras raciais à sua ascensão social.

As considerações feitas até agora revelam apenas uma parte da história, mas elas nada dizem a respeito das possibilidades dessa pequena classe média negra garantir suas posições e transmiti-las à geração seguinte. Esta possibilidade parece ser bastante reduzida, tendo em vista o fato da população negra em ocupações não manuais estar sujeita a probabilidades muito maiores que o grupo branco não manual de sofrer mobilidade descendente. Efetivamente, no trabalho, *O "Lugar" do Negro na Força de Trabalho*, constatou-se que as pessoas brancas filhas de trabalhadores não manuais conservavam posições não manuais em 63% dos casos, enquanto entre as pessoas pretas e pardas a proporção dos que mantinham ocupações não manuais era de 27% e 42%, respectivamente. Como concluem as autoras: "O reduzido grupo de negros em ocupações não manuais tem uma possibilidade maior de mobilidade descendente na direção das ocupações manuais, não tendo condições de manter e consolidar a posição de origem paterna"<sup>5</sup>.

Esta evidência empírica permite concluir que em qualquer momento dado do tempo a presença de uma pequena classe média negra é o resultado de um processo constante de circulação social ao redor da linha manual/não manual, em que os movimentos para cima são compensados por outros descendentes.

#### NOTAS

(1) — Lúcia Elena G. de Oliveira et al., "O 'Lugar' do Negro na Força de Trabalho", 1980, mimeo.

(2) — Carlos A. Hasenbalg, *Discriminação e Desigualdades Raciais no Brasil*, Rio de Janeiro: Graal, 1979 e "Race and Socioeconomic Inequalities in Brazil", Trabalho apresentado ao *Simpósio sobre Raça e Classe no Brasil*, Center for Afro-American Studies, Universidade da Califórnia, Los Angeles, 1980; Nelson do Valle Silva, "O Preço da Cor: diferenciais raciais na distribuição da renda no Brasil", *Pesquisa e Planejamento*, vol. 10 nº 1, 1980 e "Cor e o Processo de Realização Sócio-Econômica", *DADOS*, vol. 24, nº 3, 1981. Ver também Lúcia Elena G. de Oliveira et al., *op. cit.*

(3) — Agradeço a Amaury de Souza, diretor do projeto de pesquisa, por ter identificado, via computador, os questionários objetos de exame neste trabalho, e ter colocado os mesmos a minha disposição. A pesquisa utilizou uma amostra probabilística de base domiciliar, escolhida a partir da seleção de Regiões Administrativas até os domicílios. A base da amostra foi a população das pessoas residentes no Município do Rio de Janeiro, entre 15 e 65 anos de idade, que estavam trabalhando na data da entrevista ou que estavam desempregados, mas já tinham trabalhado anteriormente pelo menos uma vez. Foram feitas 1.040 entrevistas e esse total incluiu 84 pessoas auto-identificadas como de cor parda em ocupações não manuais. Esses casos não foram considerados devido à impossibilidade de se examinar com maior profundidade os dados de um número tão elevado de questionários.

(4) — Segundo o número das entrevistas, os incidentes de discriminação reportados foram os seguintes: (514) foi preterido em uma firma multinacional quando procurava emprego; (396) sofreu preconceito, mas não esclareceu de que tipo; (671) evitaram falar-lhe por causa da cor em um teatro em que trabalhou; (844) o pai já foi prejudicado muitas vezes pela cor, perdendo chances de subir no emprego; (440) sofreu destrato e humilhação por causa de sua cor; (642) não foi aceito para fazer um teste de trabalho; (577) declara que dão preferência a instrumentadoras brancas quando se trata de trabalhar em outras clínicas; (1.039) afirma que sofreu preconceito logo que começou a procurar emprego em firmas.

(5) — Lúcia Elena G. de Oliveira, *op. cit.*, pp. 95-96.

INFORMAÇÕES SOBRE OS ENTREVISTADOS

ENTR. Nº	OCUPAÇÃO DO PAI	EDUCAÇÃO DO PAI	SEXO	IDADE	LOCAL DE NASC.	PRIMEIRO EMPREGO	EMPREGO ANTERIOR AO ATUAL	CARGO INICIAL EMP. ATUAL
514	alfaiate	secundário	M	24	BA R	operador máquina industrial	nenhum	estagiário de programação
243	não morava com ele	primário	M	28	Rio	boy em indústria	soldador em estaleiro	o mesmo
947	comerciante conta própria em mercearia	primário	M	28	Rio	operador de máquina industrial	contínuo de prefeitura	auxiliar de departamento de pessoal
1.026	não conheceu o pai	não sabe	M	30	Rio	faxina doméstica	serviços gerais escrit. advocacia	serviço de limpeza
493	proprietário de estaleiro	primário	F	34	RJ U	embaladora em indústria	vendedora de indústria	o mesmo
440	pedreiro	lê e escreve	F	33	Rio	bobineira têxtil	bobineira têxtil	o mesmo
642	sapateiro empregado	primário	F	35	Rio	auxiliar de escritório	nenhum	auxiliar secretária
980	zelador	primário	F	44	Rio	embaladeira laboratório	auxiliar de enfermagem	o mesmo
577	operário carpinteiro	lê e escreve	F	43	Rio	operária cartonagem	empacotadora biscoito	instrumentador
1.039	fiscal da prefeitura	primário	F	46	PA U	datilógrafa aeronáutica	nenhum	datilógrafa
435	biscateiro	lê e escreve	F	45	BA U	o atual	nenhum	assistente de enfermeira
869	lavrador	analfab.	F	52	MG R	babá doméstica	faxineira e lavadeira	o mesmo

INFORMAÇÕES SOBRE OS ENTREVISTADOS

ENTR. Nº	OCUPAÇÃO DO PAI	EDUCAÇÃO DO PAI	SEXO	IDADE	LOCAL DE NASC.	PRIMEIRO EMPREGO	EMPREGO ANTERIOR AO ATUAL	CARGO INICIAL EMP. ATUAL
503	funcionário público	primário	M	36	ES U	o mesmo	nenhum	o mesmo
396	mestre de obra	analfab.	M	39	BA U	marinha de guerra	3º sargento da Marinha	nenhum
671	não conheceu o pai	não sabe	M	42	BA U	baterista em shows	baterista Cia. Brasil tropical	o mesmo
563	mecânico de automóveis	primário	M	44	MA U	carpinteiro esquadrias	projetista em indústria	o mesmo
919	lavrador meeiro	analfab.	M	63	RJ R	ajudante de caldeireiro	chefe manuten. em hospital	o mesmo
844	desenhista artesanal Forças Armadas	primário	F	21	Rio	o atual	nenhum	o mesmo
450	sorveteiro	primário	F	23	Rio	o atual	nenhum	telefonista
963	sapateiro conta própria	secundário	F	26	Rio	promotora de vendas	promotora de vendas	o mesmo
540	comércio conta própria	primário	M	20	MG - R rural	jardineiro em casa de família	office boy	o mesmo
344	vendedor ambulante	não sabe	M	23	Rio	controle estoque em sapatria	nenhum	contínuo
718	motorneiro de bonde	primário	M	23	Rio	ambulante na praia	operário indústria água mineral	esterilizador aparelhos de cirurgia
973	marmorista	analfab.	M	24	Rio	office boy	ajudante despacho aduaneiro	o mesmo

INFORMAÇÕES SOBRE OS ENTREVISTADOS

ENTR. N <sup>o</sup>	OCUPAÇÃO ATUAL	INSTRUÇÃO	RENDIMENTO cr\$	INDENT. DE CLASSE	HÁ PRECONCEITO COR?	JÁ SOFREU PRECONCEITO COR?
503	professor de química 2 <sup>o</sup> grau	universitário completo	50.000	trabalhador	sim	não
396	corretor de valores	universitário completo	90.000	trabalhador	sim	sim
671	percussionista	3 <sup>o</sup> primário	32.000	trabalhador	sim	sim
563	projetista e desenhista júnior em indúst.	2 <sup>o</sup> científico	140.000	classe média	sim	não
919	conferente de mercadorias	4 <sup>o</sup> ginásio	NR	classe média	não	não
844	secretária	3 <sup>o</sup> científico	22.000	trabalhador	sim	sim
450	auxiliar de escritório	ginásio	24.500	trabalhador	sim	não
963	promotora de vendas	4 <sup>o</sup> primário	25.000	trabalhador	sim	não
540	comanda turma de propaganda abulante	4 <sup>o</sup> primário	11.000	trabalhador	não	NSA
343	ajudante tesouraria cad. de poupança	1 <sup>o</sup> técnico contabilidade	NR	operário	não	NSA
718	auxiliar de enfermagem	2 <sup>o</sup> técnico contabilidade	16.000	operário	sim	não
973	secretário em escola	3 <sup>o</sup> científico	17.000	pobre	sim	não
514	programador júnior	3 <sup>o</sup> técnico eletrônica	75.000	classe média	depende	sim

INFORMAÇÕES SOBRE OS ENTREVISTADOS

Nº ENTR.	OCUPAÇÃO ATUAL	INSTRUÇÃO	RENDIMENTO cr\$	INDENT. DE CLASSE	CEITO COR? HÁ PRECON-	JÁ SOFREU PRECONCEITO COR?
243	armazenista em indústria	2º técnico contabilidade	21.000	pobre	não	NSA
947	sub-gerente hotel pequeno	4º ginásio	25.000	trabalhador	sim	não
1.026	comerciário	4º ginásio	17.000	operário	não	NSA
493	chefe setor Min. da Fazenda	3º técnico contabilidade	28.000	classe média	não	NSA
440	auxiliar de enfermagem	2º ginásio	19.600	trabalhador	sim	sim
642	datilógrafa	4º ginásio	40.000	pobre	sim	sim
980	auxiliar de enfermagem	4º ginásio	12.800	trabalhador	não	NSA
577	auxiliar de enfermagem, instrumentadora	4º ginásio	27.000	trabalhador	sim	sim
1.039	advogada consultora do INPS	universitário completo	53.000	pobre	sim	sim
435	auxiliar de enfermagem	4º primário	25.000	trabalhador	sim	não
869	dona de birosca em favela	4º primário	32.000	classe média	sim	não